



Uma rola no quartel



Nos bons tempos do Tiro de Guerra, memorável TG-87, éramos uma turma das boas. Lembrando alguns, até porque me faltam neurônios para memorar tantos, tínhamos os atiradores Ernane Camisasca, Tino Gomes, Ildeu Braúna, Pedro Boi, Itamaury Teles, Artur Leite e, claro, Luis Carlos Novaes, nosso saudoso Peré, singular nas suas tiradas que divertiam a caserna, como a do passarinho imaginário que o acompanhava na apresentação às fileiras. É do vertebrado quimérico de Peré, "Fielzinho", que trataremos nas próximas linhas.

Peré chegava ao quartel com o bichinho no ombro. Jurava ser uma rolinha, diminutivo de rola, "ave da família dos columbideos", ensinava. O passarinho virou um xodó das dezenas de atiradores que cercavam Peré minutos antes da apresentação da tropa, deliciando-se com o diálogo que o irmão de farda travava com o fantasioso companheiro.

Certo dia, a "conversa" entre os dois estava tão interessante que parte da turma, que já deveria estar perfilada, aguardando o comando passá-la em revista, não viu o tempo correr e permaneceu atraída por Peré e seu Fielzinho, cujo vocabulário o atirador tratava de repetir à audiência.

O sargento, no caso, Balmer, comandante da guarnição (eu era da "Turma Brasil", do sargento Camargo), acostumado a se dirigir para a revista já enxergando de longe todos perfilados, notou a soldadesca em volta de Peré e caminhou em sua direção. Já perfilado, distante alguns metros, pude ouvir parte do diálogo iniciado pelo comandante.

- Qual o motivo da reunião? Deve ser importante para desviá-los de suas obrigações com a Pátria!

O silêncio foi geral. Um respiro ali, outro acolá, até que um corajoso, em posição de sentido, gaguejou nas palavras.

- Estamos ouvindo a conversa do atirador Novaes com o seu passarinho, Fielzinho, sargento.

- Ah, é? - reagiu o sargento, um gaúcho que nos fazia lembrar o general Geisel.

- Posso ver o tal... Fielzinho, atirador Novaes?

- Aqui, no meu ombro, sargento - respondeu Peré, apontando com o queixo para o ombro esquerdo.

Os companheiros seguravam o riso, enquanto o colega continuava com o seu teatro.

- Estou vendo - encenou, por sua vez, o sargento. - E que passarinho é esse?

- Uma rola, sargento!

Danou-se. Ninguém mais conseguiu segurar o riso disfarçado de tosse, limpada de garganta, engasgo. O sargento ouvia, respirava, deve ter contado até dez. Os olhos fixos em Peré.

- A partir de amanhã, atirador Novaes, trate de deixar sua rola inútil em casa. Agora, todos em forma! Voando!

Sargento Balmer, apesar de durão, era considerado pela tropa um homem simpático. Cultivava o bom humor. Com exceção da faxina no fim de semana, não deu outra punição aos seus... subversivos. Sobrou para Fielzinho, que passou a ser uma rola clandestina no quartel.

(*) Jornalista, teatrólogo e articulista Eduardo Brasil escreve todas as sextas-feiras.

